



Equipe do projeto Renas-Ser interage com as comunidades locais para compartilhar conhecimentos

MULTIPLICADORES. Resultado é o envolvimento da comunidade

PROJETO UNE SABERES ACADÊMICO E POPULAR

Moradores decidem quais nascentes terão prioridade



MAURÍCIO GONÇALVES
REPÓRTER

Você já ouviu falar do Sapo Popó? "É um sapo que tem cabeça de galinha, toda vez que uma pessoa maltrata um animal e algum tipo de lixo é jogado, o Sapo Popó leva ele para o fundo da água". E o Negrinho da Água? "Ele apareceu em forma de bichos, pessoas e pássaros para atrair crianças e adultos para dentro das águas; ele também colocava quebrantes nas pessoas". O imaginário popular está rico de histórias, mitos e lendas em torno das minações e fontes de água.

Para fazer um bom trabalho, os caçadores de nascentes também vão em busca do reconhecimento desse saber popular. A pedagoga Ana Cristina Aciolly é dirigente do Instituto Palmas e sabe muito bem disso. "Não é a ideia de que a gente chega com a universidade para transmitir ensino, não, a gente vem com o saber acadêmico para compartilhar, interagir com o saber popular", explica.

Apoio

Ao todo, foram 14 escolas engajadas, que aglomeravam mais de trinta grupos escolares

A tecnologia para recuperar a nascente em si é simples, até bem fácil das comunidades aprenderem, mas a grande história está mesmo na conquista das pessoas, no processo interno que é desencadeado em cada um. "A gente formou grupos locais, que chamamos de Nós da Rede Renas-Ser, onde aconteciam encontros periódicos; eles começaram desenhando mapas onde estavam as minas", explica Ana Cristina.

Por meio dessa cartografia rudimentar, vinha uma estratégia para gerar reflexões como: Onde eu estou? Quem são os donos da terra? As fontes têm donos? Que relações de poder existem no meu entorno? Na relação com as comunidades de sítios e povoados da zona rural, o projeto promove a articulação dos moradores para decidirem em conjunto quais nascentes realmente são as prioridades, seguindo uma série de fatores.

A pedagoga destaca a importância de compartilhar todo esse conhecimento, inclusive com 14 ações em escolas, que foram apresentadas em trabalhos, reunidos num livro-memória, cartilha, vídeos e no diagnóstico e no georreferenciamento de nascentes. "A gente precisava tocar a alma das pessoas, e você só consegue isso quando traz aquele imaginário, presente no inconsciente coletivo".

Na parte acadêmica, os projetos de educação ambiental envolviam as escolas, além de encontros de dois em dois meses nos chamados 'nós', de onde surgiram vários caçadores de nascentes locais, num efeito multiplicador. Os integrantes de um nó identificavam a nascente, faziam a análise e chegavam à escola relacionada àquela nascente.

Como o Ministério da Educação (MEC) estabelece que as escolas devem desenvolver projetos pedagógicos, Cristina explica que o Renas-Ser então adotou a estratégia de propor esses projetos.

Ao todo, foram 14 escolas engajadas, que aglomeravam mais de trinta grupos escolares espalhados. Numa das atividades, por exemplo, os alunos caminhavam até a área de nascente, observam a fauna, a flora, conversam com os mais velhos, acompanham o georreferenciamento e desdobram o conteúdo pedagógico. Segundo Cristina, é interdisciplinar e transdisciplinar, tem mapas, redação, articula a língua portuguesa, tem dança, paródia, cordel, história, cálculos e noções de matemática.



ANA CRISTINA ACIOLLY
PEDAGOGA

"A gente precisava tocar a alma das pessoas, e você só consegue isso quando traz aquele imaginário, presente no inconsciente coletivo"

UNIVERSIDADES TAMBÉM PARTICIPAM

A pedagoga Ana Cristina Aciolly frisa que também aconteceram dois projetos de extensão universitária. Uma do Instituto Federal de Alagoas (Ifal), campus Piranhas, que atuou com o fornecimento de informações para o reflorestamento em áreas de nascentes recuperadas. Com o apoio da sementeira da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), o Renas-Ser implantou dois viveiros de mudas em Mata Grande e um em Água Branca.

Já a Universidade Federal de Alagoas (Ufal), campus Delmiro Gouveia, participou em parceria com o projeto Fossa Verde, de biorremediação para saneamento domiciliar. Segundo Ana Cristina, trata-se

de fossas ecológicas, feitas também de forma muito simples para tratamento biológico de esgotamento familiar. "A fossa verde fica isolada para não entrar em contato com o lençol freático. Em cima dela, tem árvores frutíferas, implantamos uma fossa verde em cada um desses municípios", explica Cristina.

Em resumo, o projeto Renas-Ser se apresenta com base num trinômio: conhecer, recuperar e proteger. Conhecer com a elaboração de um diagnóstico das nascentes dos três municípios, pelo levantamento sistemático do número, localização, situação e georreferenciamento das nascentes.

Recuperar a partir de uma seleção feita com critérios técnicos e sociais,



População contribui com diagnóstico das nascentes

que inclui limpeza, cobertura de pedras e solo-cimento, canalização da água e coleta em um reservatório para uso das comunidades. A proteção in-

clui cercar e reflorestar o entorno das nascentes recuperadas, com plantio de mudas nativas da região, para garantir a sustentabilidade das nascentes. **MEC**